

Homilia da celebração da Eucaristia

no 38º Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica

Hoje, e como sempre na Liturgia, escutámos a Palavra, experimentamos e vemos o mistério da Trindade. A liturgia deste dia celebra Cristo num dos Apóstolos e um dos seus confidentes – Tiago, conforme a antífona que cantamos como invitatório da Liturgia das Horas: «vinde adoremos o Senhor, Rei dos Apóstolos». A celebração interpela-nos em 3 sentidos:

1. A peregrinação
2. O tesouro do nosso ministério na Liturgia
3. Servidores e bebedores do Cálice da Páscoa

1. A peregrinação

No evangelho, Mateus apresenta-nos Jesus a caminho de Jerusalém. Em Jesus, Deus fez-se peregrino e percorreu a pé as estradas da Galileia, da Samaria e da Judeia. Os seus discípulos seguiram-no. Assim, nós o seguimos desde o Batismo. Nós temos de estar em estado permanente de peregrinação. O homem cristão está sempre em viagem, isto é, sempre à procura. O caminho de S. Tiago pode ser a metáfora da nossa vida e da relação com Cristo. Por ano, milhões de pessoas vão a Santiago de Compostela, a Roma, à Terra Santa, a Lourdes, a Fátima... O nosso caminho só tem sentido quando saímos de nós próprios para caminhar pelo caminho, verdade e vida, que é Cristo.

O peregrino é alguém que caminha e espera o encontro. Para tal, partir, significa perder os pontos de referência na esperança de ganhar tudo. Escreve um autor espiritual: «há gente que vai em peregrinação para terras distantes. Vai em procissão à volta do templo sem nunca entrar no santuário. Mas eu vou em peregrinação até ao amigo que habita em mim»¹.

Quem caminha ama o silêncio. O silêncio permite-lhe regular a respiração ao ritmo dos seus passos. É um Silêncio ouvinte² o silêncio eloquente de uma catedral, de um santuário. Escreveu Sophia de Mello: «escuto mas não sei/Se o que oiço é silêncio/Ou deus (...)/Apenas sei que caminho como quem/É olhado amado e conhecido/E por isso em cada gesto ponho/Solenidade e risco»³.

S. Basílio Magno costumava rezar: «não sei falar-Te, Senhor. Ensina-me as palavras do silêncio. A ti, Senhor, só podemos louvar com as palavras do silêncio»⁴.

A arquitetura dos lugares de peregrinação traduz o sentido profundo da peregrinação à fonte da vida cristã. Por exemplo a visita *ad limina* aos túmulos dos Apóstolos em Roma, a Basílica de S. Pedro é precedida pela colunata que como dois braços conduzem os peregrinos ao coração do mistério. O mesmo acontece aqui em Fátima.

1 A. SILESIUS, citado por J NIEUVIARTS, *Con il passo del pellegrino*, Edizioni Qiqajon, Comunità di Bose 2009, 21.

2 SOPHIA de Mello Breyner, Bach Segóvia guitarra, in *Geografia*, Lisboa 2004, 31.

3 SOPHIA de Mello Breyner, escuto, in *Geografia*, Lisboa 2004, 30.

4 S. Basílio Magno.

2. O tesouro do nosso ministério na Liturgia

Como pensava o grande pedagogo da liturgia, R. Guardini, «*é pois mister, antes de mais, apreender aquele ato vivo, pelo qual o fiel compreende, recebe e executa os santos “sinais sensíveis da graça invisível”. Trata-se em primeiro lugar de “formação litúrgica” não de informação litúrgica, embora dela se não deva separar*»⁵, como experimentamos neste 38º encontro nacional de Pastoral Litúrgica.

A liturgia, fonte e vértice da vida e da missão da Igreja, realiza sacramentalmente a presença do mistério de Cristo ressuscitado nos sinais simbólicos e visíveis do rito e segundo uma linguagem aberta ao homem e às suas variáveis culturais. Contemplando o magnífico mosaico desta igreja, podemos ver a liturgia da Jerusalém celeste. *Não é isto mesmo a liturgia?*. Do trono do Cordeiro-pastor jorra a água “límpida como cristal” (Ap 22,1), a água da vida divina, aquele rio que é Espírito Santo que assume toda a história, todos os homens, e que através da liturgia e dos sacramentos inunda a Igreja e o mundo. Na liturgia atualiza-se o mistério fundador da Páscoa. A liturgia é a ponte entre a terra e o céu.

Com o beato João Paulo II podemos fazer um exame de consciência: «*é vivida a Liturgia como “fonte e cume” da vida eclesial, segundo o ensinamento da Sacrosanctum Concilium?*»⁶. E, ainda: «*até que ponto a Liturgia entrou na vida concreta dos fiéis e marca o ritmo de cada uma das comunidades? É vista como um caminho de santidade, força interior do dinamismo apostólico e da missionariedade eclesial?*»⁷.

3. Servidores e bebedores do Cálice da Páscoa

A pergunta da mãe dos filhos de Zebedeu que se prostrou diante de Jesus com os seus dois filhos, Tiago e João, reflete a ambiguidade com a qual os discípulos e o povo de Deus, entendem Jesus – a sua pessoa, o seu evangelho e até o significa segui-lo.

Eles pedem um lugar influente de poder. A resposta de Jesus força a uma mudança radical na relação com Ele. E, então dizem-se dispostos a beber do cálice que está para beber na Páscoa. Para entrar neste serviço não é suficiente beber do cálice, mas é preciso beber do cálice de Cristo.

Jesus é mestre no servir e interpela-nos a fazer o mesmo, «o filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção dos homens». A exigência do serviço não conhece férias.

A Igreja recebeu a Eucaristia do Senhor Jesus Cristo como o dom por excelência, porque é dom d’Ele mesmo e, por isso, é verdadeiramente o mistério da fé e o sacramento do mistério da Páscoa.

Tiago aprendeu a lição e foi o primeiro a beber o cálice do Senhor e foi dos discípulos o primeiro mártir. Na terra dos meus pais, em Parada- Alfândega da Fé- na minha Diocese, que tem S. Tiago como padroeiro, diz-se neste dia: ‘pelo S. Tiago, pinta o bago’. «Pensai como se faz o vinho. Muitos bagos estão ligados ao cacho, mas o sumo dos bagos funde num todo. Cristo Senhor simbolizou-nos deste modo e quis que nós fizéssemos parte dele, consagrou sobre a sua mesa o sacramento da nossa paz e unidade», recordava St. Agostinho num discurso de Pentecostes e exortava aos batizados: «sede o que vedes e recebei o que sois».

5 R. GUARDINI, *Sinais sagrados*, Editorial Franciscana, Braga 1962, 10-11.

6 TMA 36.

7 SS 6.

Um hino da Liturgia, atribuído a St. Ambrósio, Bispo de Milão, convida-nos a beber do mesmo e único *cálice* de Cristo: «alegres bebamos a sóbria embriaguez do Espírito».

✠ José Manuel Cordeiro
Bispo de Bragança-Miranda
Fátima, 25 de Julho de 2012